

PERSONNA

Ana Atalaia

Aluna Finalista da Licenciatura em Tradução e Escrita Criativa

Já sabia. 38 anos de rigor já não me faziam pensar, e olhar para o mundo em redor tornara-se tão óbvio quanto a rotina. 15 anos numa secretária, contabilizando a vida de outrem, fizera-me esquecer o sabor da vida. Como de costume, telefonava-me a Júlia, companheira da noite solitária, perguntando por mim, e eu, de costume, respondia com as expressões «horas extras» ou «imprevisto». Era ainda verdade, até a Daniela a tornar mentira. A novata do mês de abril, com o seu sorriso de diamantes e corpo de deusa grega. Mas não fora isso que me tornara escravo dos seus desejos. Os seus cabelos, louros e reluzentes, contrastantes com os morenos de Júlia, esses sim.

Os meses passavam e as mentiras também. Nunca estranhara eu a calma da minha querida esposa, nunca parava eu de pensar nos louros cabelos de Daniela. Sou só um renascido, escondido na agora «capa» da normalidade. Encontrava-me com ela, no hotel, no apartamento, nos sonhos ofuscantes.

Penso nisto com um sorriso. Sim, sou feliz. Tenho uma esposa ilustre e obediente que, ainda que mal a veja, me será sempre fiel – tenho a certeza – e, em certas noites, tenho a radiante e bela Daniela.

Hoje, decidi voltar a casa mais cedo, não sei bem porquê. Abro a porta de casa. Não está ninguém. Oiço água a correr. Deve estar no duche. Vou suavemente ao pé da porta mal fechada da casa de banho. Cheira a jasmim e limão. Mas... o que... uma peruca? Uma peruca loura no chão...

Não pode ser, não é possível! O que fazem ali os cabelos da Daniela? Quem é aquela que se encontra no duche?

– Está aí alguém?

É a voz de Júlia. Por um momento, pensei que fosse a Daniela quem estava no duche. Sinto um alívio imenso. Mas por que raios a minha esposa tem uma peruca loura? Será coincidência?

A água pára de correr.

– Eu estou a ouvir alguém a andar... – diz Júlia.

Mas será...? Não... Será possível?

A peruca é igualzinha aos seus cabelos.

– Querido? – pergunta Júlia.

Um sentimento angustiante aperta o meu peito. Será medo? Será loucura?

– Eu oiço-te a mover, não vale a pena esconderes-te amor. Espera só um pouco, estou quase a sair – diz Júlia.

Telefone. Não atende. Tento outra vez. Um suave som vem da mala que está na casa de banho.

– Que raio de altura para telefonarem, é sempre no duche! – diz Júlia.

Tenho vontade de rir e de chorar, o pavor assalta-me. O meu amor morreu? Não, Não, Não! Preciso do grito, da reação, da resposta! Preciso da Daniela!

Saio de casa. Vagueio.

Onde estás, Daniela?

Vou ao hotel. Ninguém. Vou ao apartamento. Ninguém. Uma vizinha volta das compras.

– Desculpe, mas por acaso sabe onde foi a Daniela Soprano?

– Daniela Soprano? Nunca vi ou conheci alguém com esse nome – respondeu a senhora.

– Como não? Eu próprio estive com ela aqui ontem! Ela vive neste apartamento há sete anos!

– Isso é impossível. Esse apartamento pertence a um senhor chamado José Mirante, que só o usa quando vem de negócios a esta cidade. Está vazio a maior parte do tempo e, que eu saiba, não tem mulher, nem filhas.

O tempo pára. Não existe. Só reparo no meu pânico, no meu terror. Daniela... existes?

O sol brilha com os seus raios louros.

Louros... como os dela.

O sol continua a brilhar com os seus raios louros.

Louros... como eram os dela.

O sol continuará a brilhar com os seus raios louros.

Mas os dela não.

– Senhor... o que faz aí na ponte? – dirá um rapaz.

– Estou a ver o sol – direi eu.

– Mas está a apoiar-se nas grades... pode cair! – dirá o rapaz.

– Pois é, mas e se te dissesse que quero estar assim só para ver o sol? – perguntarei eu.

– Diria que estás louco – dirá o rapaz.

Sorriria, e depois saltaria.

Mas não. Em vez de olhar para o sol, volto para casa. Quero enfrentar a minha mulher, quero ultrapassar o meu horror.

– Onde estiveste? – pergunta Júlia, de roupão.

– Onde está a peruca? – pergunto, com um sorriso louco.

– Peruca? – diz ela – Não sei de que estás a falar.

– Sabes sim! – Digo, enfurecido – A peruca que usaste para gozar comigo todo este tempo. Aquela maldita peruca loura!

Ela fica pálida.

– Como descobriste? – pergunta.

– Ora como! Caiu no chão enquanto estavas no duche! Entrei em casa, passei pela porta e lá estava ela, resplandecente a rir-se da minha estupidez! – e gritei mais alto – Como fui um parvo!

– E que queres que eu diga?! – disse ela, ganhando cor – Tu nunca estás em casa, nunca me telefonas, não queres saber de mim para nada, a não ser como tua criada! Já devias saber que, mais tarde ou mais cedo, isto iria acontecer!

– E tu achas normal usares-me nesse teu jogo doentio, não é, Daniela? – perguntei, por fim.

– Daniela? – pergunta espantada

– Pensas mesmo que sou parvo? Vais mesmo fingir que não andaste a brincar comigo nestes seis meses? No hotel e no apartamento, que nem sequer é teu? Tens muita lata! – disse, ainda mais enraivecido.

– Tu tens andado a trair-me?

Começa a rir.

– Pára ou dou-te um sopapo, ainda que não seja homem de bater em mulher! – digo.

– Querido... eu não sou a Daniela.

E continuou a rir. Tento acalmar-me e pergunto:

– Então qual é a graça?

– Eu sou a amante do teu patrão.